

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	15300 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I — 17 DE ABRIL DE 1881 — N.º 9 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	45000 "
Trimestre ou 13 ".....	25000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARY

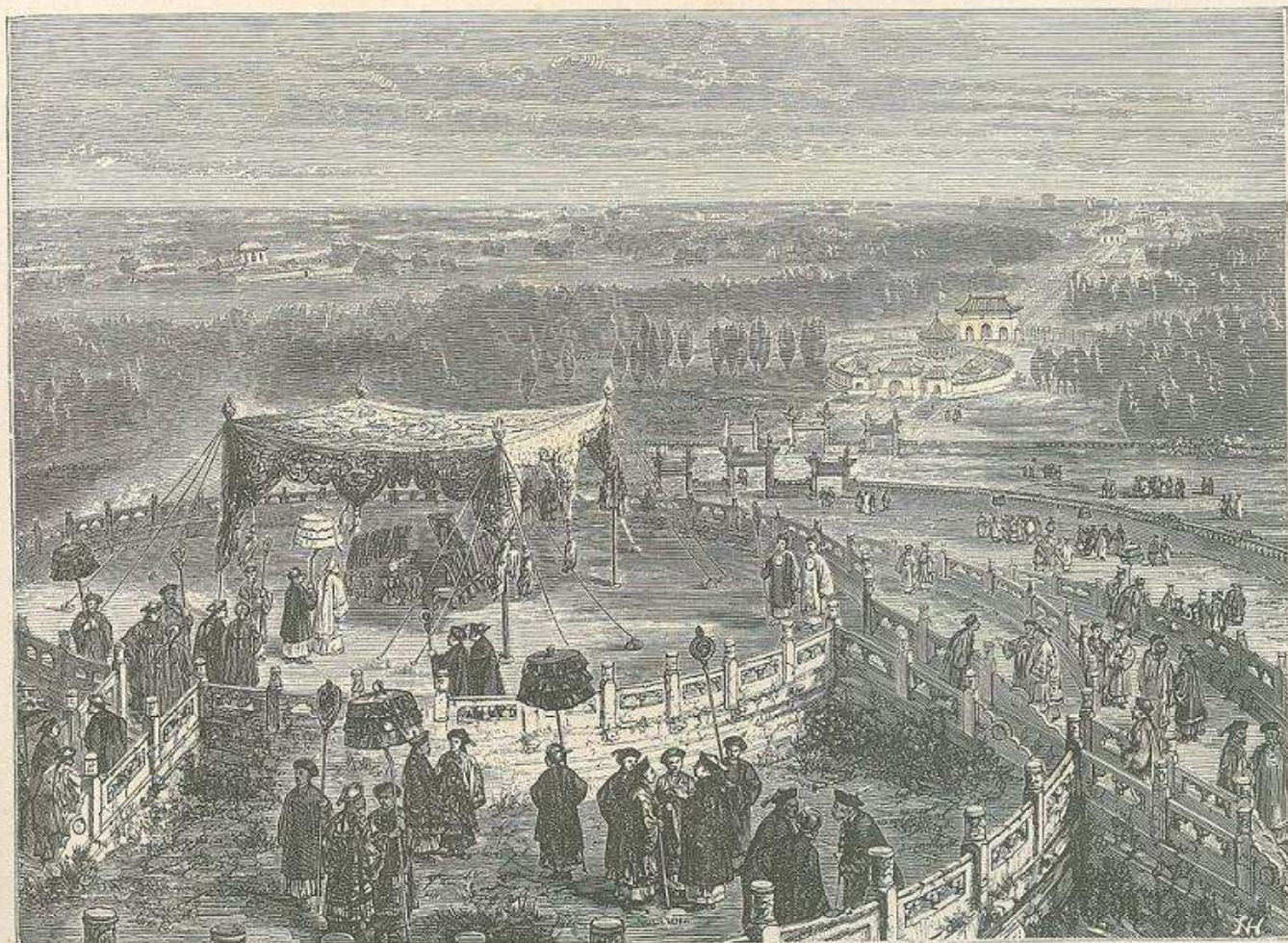
Gravuras:—Templo do céu em Pekin, e a grande muralha chinesa; ruínas de Athenas—Templo de Jupiter e arco de Adriano;
Morte de Thomaz Becket, arcebispo de Cantorbery; A pesca da baleia.
Texto:—As nossas gravuras. Sciencia popularizada. O interior e a crusta do globo terrestre. Acção motora do sol. Prodigios da circulação do sangue;
Atravez da Siberia; O crime de Rivecourt, trad. de Cunha e Sá;

AS NOSSAS GRAVURAS

TEMPLO DO CÉU EM PEKIN, E A GRANDE MURALHA CHINEZA. — Os chinezes não são um povo reli-

gião a nenhuma crença nos dois grandes princípios, que apontamos, facilmente seremos levados a supôr que não carece de nenhum culto, pois, ao revés d'isso, ha na China grande numero de

supersticiosos no mais subido grão. Qualquer que seja o culto, que professem todas as suas orações e sacrificios teem o fim unico de tornar propicios os mãos espiritos, e fazer com que a sua



TEMPLO DO CÉU EM PEKIN, E A GRANDE MURALHA CHINEZA

gião. Pouco ou nada acreditam na immortalidade da alma, e na existencia de um Ente Supremo.

Se, estudando os caracteres e propriedades de uma raça, conhecermos que no tocante às ideias religiosas, a sua civilização e desenvolvimento

religiosos, tendo todos os seus templos, sacerdotes, conventos, ritos e ceremonias.

Mas como se poderá explicar uma tão manifestada contradicção? É que os habitantes do celeste imperio, sem possuirem nenhuma ideia levantada em assumptos de religião, são, comtudo,

colera vã cahir desapiedada sobre a cabeça dos inimigos.

A religião de Confucio é a dos homens de letras e mandarins; é antes um systema de philosophia do que uma religião propriamente dita.

O povo pôde optar entre varios cultos. Ha, em

primeiro lugar, a religião de Tao, que é tão antiga como a de Confúcio, e depois o Budismo, que tomou na China o nome de religião de Fo. Nenhuma d'ellas tem por base a immortalidade da alma.

Quando os mandchus invadiram a China, levaram para lá dois cultos do seu paiz: o lamaismo, e o chamanismo. Todos esses cultos amalgamaram-se, combinaram-se dois a dois, três a três, de modo que vieram a constituir um numero infinito de religiões, de cultos e de seitas, que tem profundos dissentimentos com relação aos seus ritos e ás suas immemoráveis ceremonias; mas que se assemelham e approximam n'um ponto: a incredulidade.

O imperador da China não segue nenhum d'esses cultos. Tem uma religião propria, que só existe em Pekin, e de que elle é unico sacerdote. Parece que o culto imperial reconhece um deus do céu; porém, esse deus não é um ente supremo, creador de tudo o que existe, e a quem toda a creatura deve obediência e homenagem. Assim como o imperador reina na China, o deus reina no céu. As duas magestades estão combinadas e associadas para fazerem a ventura da humanidade. É verdade que o imperador da China celebra sacrificios em honra do rei do céu; mas, em compensação d'isto, quando o imperador abandona a vida terrestre, o rei do céu presta-lhe as honras mais elevadas e cede-lhe o primeiro lugar.

O culto imperial possui muitos templos em Pekin, sendo alguns de extraordinaria riqueza. Um dos mais notáveis é o templo do Céu, que tem quatro altares; a nossa gravura representa o altar do sul. No templo da Agricultura realisa-se todos os annos uma cerimonia, em que o imperador faz dois sulcos na terra com uma charra, lançando depois a semente. Os outros templos são o do Sol, o da Lua e o da Terra.

E, visto que vamos escrevendo sobre a China, digamos também algumas palavras a respeito da celebre muralha, que foi construída, ha muitos seculos, para obstar ás invasões dos povos turanianos. Não se sabe com exactidão a epocha, em que se levantou a grande muralha; mas é quasi certo que no tempo do imperador Hoang-ti, morto no anno 210 antes de Christo, já se trabalhava n'ella com grande actividade. Na lingua chinesa tem o nome de *Wanli-tehang-tching*, isto é, muro de 1.000 milhas. Uma parte d'esse muro consta de um alto vallado de terra; mas em outros pontos (provavelmente nos que ficavam mais expostos ao ataque) são grossas paredes de tijolo, que assentam em alicerces de granito. De espaço a espaço veem-se torres, que se elevam doze metros acima dos muros.

A altura da muralha varia muito. Uma vez mede apenas tres metros; outras conta dez. A grossura, porém, é, em todos os pontos, consideravel.

Segundo os livros historicos dos chinezes, a muralha era antigamente guardada por um exercito numeroso. Os soldados aquartelavam em tendas armadas na plata-forma, que cinge a muralha, e que tem 10 metros de largura. Hoje vae-se desmoronando aquelle reducto monumental, e, posto que n'algumas partes esteja ainda perfeitamente conservado, em outras desapareceu já completamente.

RUINAS DE ATHENAS.—TEMPLO DE JUPITER E ARCO

DE ADRIANO.—Na Grecia as ruínas são ainda mais numerosas do que na Italia, o que não é pouco. A Italia padecera muito com a invasão dos barbaros; a sua população foi numerosa e o seu commercio muito florescente na idade media: e por isso muitos templos tiveram de desaparecer para se edificarem em seu lugar palacios e armazens.

A sorte da Grecia foi muito outra. Não soffreu tanto com a invasão dos barbaros (note-se que fallamos da Grecia propriamente dita, e não da Macedonia). A sua população ficou espalhada, e não se viram n'este paiz grandes cidades e republicas poderosas moverem guerra implacavel umas contra outras. Vieram os turcos. Incapazes de construir, eram também incapazes de arrasar e abater; e todos os antigos templos, que desapareceram, todas as columnas, que cahiram durante o regimen dos mussulmanos, só deveram o seu desmoronamento á acção destruidora do templo.

As ruínas de Athenas tem sido muitas vezes visitadas e descriptas; mas, se exceptuarmos o Parthenon, pouca gente as conhece. Este ultimo edificio estava ainda perfeito no seculo XVII, sendo então destruido, em parte, pelos venezianos. Desde essa epocha os estragos e devastações tem sido continuadas pelos archeologos inglezes, que não duvidam derribar uma parte d'um edificio para alcançarem um baixo relevo.

Um bairro da cidade tem o nome de Nova-Athenas ou Athenas de Adriano. Este imperador romano fez erigir varios monumentos na cidade de Péricles, entre os quaes avulta o arco do seu nome, de que existem ruínas, representadas na estampa, que hoje publicamos. Concluiu também a construcção do templo de Jupiter Olympico, em que já se trabalhava desde muitos seculos. D'estes ainda existem columnas isoladas. Sobre uma d'essas columnas observa-se um casebre, que nos primeiros seculos da era christã servio de habitação a um dos eremitas, a que se dava o nome de stylitas. «É impossivel comprehender, exclama Chateaubriand, como poudesse ser edificad aquelle casebre sobre o capitel de columnas prodigiosas, cuja altura é talvez de sessenta pés. E esse templo vasto e magestoso, em que os Athenienses trabalharam por espaço de setecentos annos, que todos os reis da Asia quizeram concluir, e que só Adriano, senhor do mundo, teve a gloria de levar ao cabo, esse templo succumbiu ao gastar do tempo, e a cellula de um solitario permaneceu de pé sobre os fragmentos e ruínas! Uma choça miseravel de pastor vae-se ás nuvens sustentada por duas columnas de marmore, como se a fortuna, sobre tão magnifico pedestal, quizesse tornar bem manifesta aos olhos de todos um monumento de seus triumphos e caprichos.»

MORTE DE THOMAZ BECKET, arcebispo de Cantorbéry.—Um joven cavalleiro inglez, por nome Gilberto Becket, tendo ido combater os infieis á Palestina, foi feito prisioneiro n'uma batalha. Gilberto esteve captivo durante anno e meio, e deveu a liberdade a uma aventura muito curiosa. A filha do emir enamorou-se do cavalleiro christão, e decidiu proporcionar-lhe os meios de poder evadir-se. Fugiram juntos, chegaram a Inglaterra depois de varias peripetias, e Gilberto, cheio de gratidão e reconhecimento para com aquella que o tinha restituído á liberdade, esposou a formosa sarracena, que primeiramente abjurou o mahometismo. D'esse consorcio nasceu Thomaz Becket, que

veio ao mundo na cidade de Londres, aos 21 de dezembro de 1117.

Thomaz distinguio-se cedo por sua intelligencia e aturada applicação. Frequentou as universidades de Oxford e Paris, e, regressando á patria, adquirio grande e justa fama pelos seus profundos conhecimentos de direito canonico, e de jurisprudencia dos negocios civis. Henrique II nomeou-o chancelier de Inglaterra em 1157; e em 1162 foi feito arcebispo de Cantorbéry.

Não foi sem grandes apprehensões que Thomaz se decidiu a tomar sobre seus hombros o pesado encargo das funcções archiepiscopaes. Tendo o rei insistido com elle muitas vezes para que accedesse, respondeu-lhe: «Se Deus determinar que eu seja arcebispo de Cantorbéry depressa hei de perder as boas graças de Vossa Magestade, e a affeição com que me honra muito breve se transformará em odio. Seja-me licito dizer a Vossa Magestade, que o estou vendo praticar muitas cousas adversas aos direitos da Igreja, e que receio, que venha a exigir de mim o que a minha consciencia me não permittir que eu lhe conceda.»

Uma das cousas, a que alludia o sabio chancelier era o seguinte: o rei pretendia ter o direito de receber todos os rendimentos dos bispados e dos outros beneficios quando estivessem vagos. Para gozar por muito tempo d'esses rendimentos, Henrique II deixava as dioceses sem titulares, ás vezes durante annos. Este abuso, contra o qual Thomaz se insurgiu com energia, foi um dos principaes motivos do odio, que Henrique II lhe votou.

Tornaram-se tão violentas as controversias e contendas que o arcebispo de Cantorbéry, conhecendo que não estava seguro em Inglaterra, abandonou o reino clandestinamente, e desembarcou em Flandres, a 4 de outubro de 1164; o rei de França recebeu-o depois nos seus estados. Ahi permaneceu até ao dia, em que, depois de grandes negociações, teve lugar uma reconciliação entre elle e Henrique II.

Thomaz Becket voltou para Cantorbéry, prevendo que caminhava para a morte. De feito, elle tinha inimigos poderosos, que se apressaram a reacender a antiga animosidade do rei contra um homem, que ousara pôr um dique ás suas pretensões.

Henrique II era dotado de um caracter volúvel e caprichoso, brando como um cordeiro quando estava de bom humor, mas passando, sem transição, da brandura para os accessos de uma colera, que parecia loucura. Um dia, em que os cortezaes empregaram todos os meios para infamar e calumniar o arcebispo de Cantorbéry, Henrique II, acceso em ira, voltou-se para os favoritos e exclamou:

— Malditos sejam aquelles, a quem tenha distinguido com a minha amizade e conferido tantos bens, porque nenhum d'elles tem a necessaria coragem para livrar-me de um padre, que me causa mais desgosto do que todos os meus subditos.

Era a sentença de morte de Thomaz. Para logo se formou uma conspiração entre quatro officiaes do palacio, com o fim de assassinar o virtuoso arcebispo. Os conspiradores eram Guilherme de Tracy, Hugo de Marville, Ricardo o Bretão, e Reynaldo Fitz-Othon. O crime foi perpetrado a 29 de dezembro de 1170. O arcebispo foi morto depois do meio dia, na sua cathedral terminadas

as vespas. Vendo chegar os assassinos, Thoma disse-lhes: «Estou prompto a morrer por Deus, pela justiça e pela liberdade da igreja.»

Em seguida rezou por seus inimigos. Tracy descarregou-lhe um golpe de machado sobre a cabeça, dois outros assassinos deram-lhe cada um uma estocada.

A morte do arcebispo de Cantorbery causou a mais viva dor e consternação em toda a Inglaterra. O povo lamentou profundamente a sua falta, e o proprio rei Henrique II chorou-o amargamente.

A PESCA DA BALEIA.—Fallando da baleia, nenhum escriptor consciencioso deixa de dizer que é um dos maiores, se não o maior habitante dos mares. Antigamente dizia-se: o maior dos peixes; mas a sciencia declarou que a baleia não é peixe, visto como este põe ovos, ao passo que a baleia é vivipara. Graças a esta particularidade e em recompensa da sollicitude com que o grande animal amamenta os filhos, os sabios deram-lhe um lugar muito mais elevado na hierarchia dos seres animados, fazendo-o entrar na classe dos mamíferos.

Em todos os tempos e em todas as epochas, a baleia, que em virtude de suas enormes dimensões, conta um numero pequeno de inimigos serios entre os habitantes do oceano, teve de sofrer uma guerra sem treguas, que lhe move o homem. Sabe-se que na antiguidade frequentava mares que depois abandonou. No tempo dos gregos e dos romanos era encontrada no Mediterraneo, no mar Negro e até no mar d'Asof. É verdade que eram cetaceos de pequena especie.

Na idade média fazia-se-lhe guerra no golfo de Gasconha e no mar do Norte. A baleia, porém, não tardou a desaparecer d'essas paragens, e os pescadores foram dentro de pouco tempo obrigados a perseguirem-na para lá do circulo polar.

A pesca da baleia attingiu a sua maior importancia no decimo setimo e decimo oitavo seculos. Uns atacavam-na nas costas da Groenlandia, outros nas costas da Noruega e de Spitzberg. Esta ilha tinha sido descoberta, em 1396, por dois navegadores holandeses, Barentz e Cornelis. Emquanto houve grande abundancia de baleias n'aquellas regiões, a ilha de Spitzberg teve uma certa importancia como estação de baleeiros. Os inglezes, russos, holandeses, noruegueses, francezes e biscoinhos tiveram estações em Spitzberg, e como os inglezes pretendiam ser os unicos possuidores da ilha e tambem os unicos pescadores de baleias, levantou-se entre os visinhos uma questão que durou muitos annos. O resultado foi o mais lisonjeiro possivel, porque todos chegaram a um accordo, e a caça aos cetaceos recommençou mais animada e em melhores condições. Mas, dentro de um curto espaço, de tempo os proprios baleeiros fizeram com que a pesca da baleia perdesse toda a importancia.

O tempo, que tudo gasta e tudo muda, nem sequer poupa o gosto dos gastronomos. Os antigos gregos achavam saborosissima a carne do enorme cetaceo. Os romanos apreciavam-na menos; mas, apesar d'isso, ainda figurava nos janfars burguezes um assado de baleia. Em França nunca se comeu este mamifero porque a todos causava asco e repugnancia. Em Inglaterra não acontecia o mesmo. Os anglo-saxonios eram gulosos de carne de baleia, que, segundo a historia, foi saboreada pelos inglezes até ao decimo terceiro seculo. Ho-

je não se come em parte alguma e a guerra que se lhe faz é por causa da gordura.

SCIENCIA POPULARISADA

O INTERIOR E A CRUSTA DO GLOBO TERRESTRE

Sabe-se — e o facto é attestado por numerosas observações — que a parte interna do globo terrestre é dotada de um calor proprio, cujos effeitos, que apenas se podem apreciar á superficie, são muito sensiveis a alguns metros de profundidade, e tão sensiveis que, desde o ponto, em que cessa a influencia do calor solar, principia o thermometro a subir pouco mais ou menos um grau por cada metro de profundidade.

D'ahi se pôde inferir que a terra possuiu anteriormente uma temperatura muito superior á que hoje conserva, e que actuou, e ainda actua, como um corpo aquecido, que, n'um meio mais frio, vai-se resfriando gradualmente do exterior para o interior.

Pôde-se, portanto, admitir que toda a massa terrestre ponde, n'um momento dado, ser mantida, para uma elevada temperatura, em uma consistencia bastante branda, para que girando sobre si mesma, se depressisse segundo o seu eixo de rotação, em virtude da força centrífuga.

Somos, pois, levados pelos factos e pela logica á hypothese, que tinha apresentado o genio dos Leibnitz, dos Newton e dos Buffon, isto é, que a terra podia ser considerada como um astro, primitivamente incandescente e luminoso, que se tornou opaco pelo resfriamento, ou como um sol extinto.

Admittindo, á semilhança de todos os geologos, a incandescencia primitiva da massa terrestre, facilmente se comprehenderá que as partes mais exteriores deviam ter sido as primeiras a serem resfriadas, e por consequencia a solidificarem-se, de maneira que, no momento actual, o primeiro envolvero endurecido, condensado e resfriado, pôde assentar, á profundidade de algumas leguas apenas, sobre materias ainda fluidas e incandescentes.

As materias incandescentes, que vomitam as crateras dos vulcões, os tremores de terra, a existencia das fontes thermaes, são argumentos poderosissimos, que veem corroborar esta opinião.

De todos os factos geologicos conquistados e colligidos para a sciencia, resulta que a terra foi no principio uma massa incandescente de materia no estado liquido, que, sob a acção dupla da attracção central e da força centrífuga, tomou a forma espheroidal, que lhe conhecemos, e que esse globo incandescente, girando no espaço, devia obedecer ás leis da irradiação, perder gradualmente uma parte do seu calorico, e solidificar-se á superficie, em virtude d'esse resfriamento.

Attentando bem na disposição e natureza das massas mineraes que constituem a crusta solidificada do globo terrestre, reconhece-se que essas massas devem ter sido produzidas successivamente, e que são de uma origem ignea ou aquosa.

No primeiro caso provem de materias fluidas e incandescentes, solidificadas pelo resfriamento, como os granitos, os porphyros, os basalts, etc.;

no segundo são o resultado de materias depositas ou precipitadas no fundo das aguas, como as argilas, os calcareos, etc.

Durante o periodo de incandescencia, é evidente que a agua e todas as materias que se volatilizam pelo calor, achavam-se no estado gazoso e reunidas aos fluidos elasticos da atmosphera.

Em virtude do abaixamento continuo da temperatura, o vapor de agua condensou-se, cahiu sobre a terra e começou a depositar os sedimentos, cujas camadas stratificadas ainda hoje se continuam.

Com o andar do tempo a crusta solida vai-se tornando mais espessa em todos os sentidos, de cima para baixo, pelo resfriamento incessante, e de baixo para cima pela accumulção de detritos, que produzem naturalmente as aguas e todos os agentes erosivos combinados.

Em consequencia do resfriamento a crusta envolvente contrahiu-se e quebrou-se em diversos pontos. E uma tal contracção determinando pressões enormes sobre a massa fluida interior, é claro que os gazes e as materias que estavam em fusão, tenderam a escapar-se para fóra pelos pontos mais resistentes.

A essas influencias dynamicas foram devidas as elevações e depressões que produziram os montes e os valles.

Os gazes e as diferentes substancias metallicas, no estado de vapor, introduzindo-se nas fendas e aberturas da crusta solida, e solidificando-se ahi, deram origem aos filões metallicos.

*

* *

Quando a crusta solida attingiu a espessura necessaria para diminuir, como um pára-fogo, a influencia do calor interior, as aguas puderam reunir-se em massas mais extensas, e constituir os mares, que chegaram a cobrir a quasi totalidade do globo.

Mais tarde, quando finalmente a temperatura não passou do 70 a 80 graus, ponde manifestar-se a vida sobre a terra. Os pontos, que as aguas deixavam em secco foram cobertos por vegetaes que absorvendo uma parte do acido carbonico, de que a atmosphera estava saturada, purificaram a mesma atmosphera, que se foi tornando cada vez mais idonea e apropriada ao desenvolvimento da vida. De tempos a tempos, a massa fluida e incandescente, abrindo caminho até á superficie da crusta solida, vinha derramar-se n'ella; d'ahi procede a grande desordem, que existe na disposição das camadas antigas.

A essa riquissima epoca de vegetação corresponde a formação da hulha, que deve a sua origem a massas de vegetaes existentes no seio das aguas, e que, em virtude de uma forte pressão, experimentaram uma decomposição particular. A' mesma epoca pertencem tambem os primeiros animaes marinhos, molluscos, polypos e crustaceos e peixes.

O ar, mais puro, mais oxygenado adquiriu em breve as necessarias condições para sustentar a vida de seres mais perfectos. Começaram então de apparecer os enormes reptis de formas phantasticas e variadas, as tartarugas gigantas, depois alguns passaros, e, por ultimo, os mamíferos.

A' medida que se alteram e variam a temperatura e composição da atmosphera, surgem no-

vas famílias para substituir famílias inteiras, que se extinguem, desde o momento em que a sua composição está em desacordo com as novas circunstâncias.

Finalmente, quando estão preenchidas e satisfeitas todas as condições de vida, nasce o homem.

*
* *

O poder da crusta do globo terrestre, que foi aumentando cada vez mais, opondo um esforço maior á força expansiva dos gases e das matérias incandescentes do interior, teve como consequencia diminuir o numero das agitações, que em compensação tornaram-se mais violentas e mais rapidas. Essas agitações, manifestando-se bruscamente no seio dos mares, dão lugar aos espantosos diluvios que devastam os continentes, e deixam por toda parte vestígios irrecusaveis da sua existencia.

A impetuosidade das aguas devia ter adquirido uma força sufficiente para explicar o trans-



porte dos blocos errantes. Compreende-se que as aguas deixavam então profundos signaes da sua passagem, e tal é sem duvida a causa das ondulações que apresenta a superficie da terra.

À medida que augmentava o poder da camada superior da terra, baixava cada vez mais a temperatura, e hoje é bastante o calor emitido pelo sol para satisfazer ás exigencias de organização e vitalidade dos habitantes do globo terrestre; pois, segundo os calculos de sabios eminentes e respeitadoss, o calor interior do nosso globo não chega a augmentar a temperatura da superficie $\frac{1}{36}$ do grão.

O fogo por um lado, por outro a agua, são por consequencia os dois grandes agentes, que alternada, e, algumas vezes, simultaneamente, presidiram á formação de todas as massas mineraes.

*
* *

Para resumir esta pequena exposição de factos diremos que se reconhecem quatro epochas

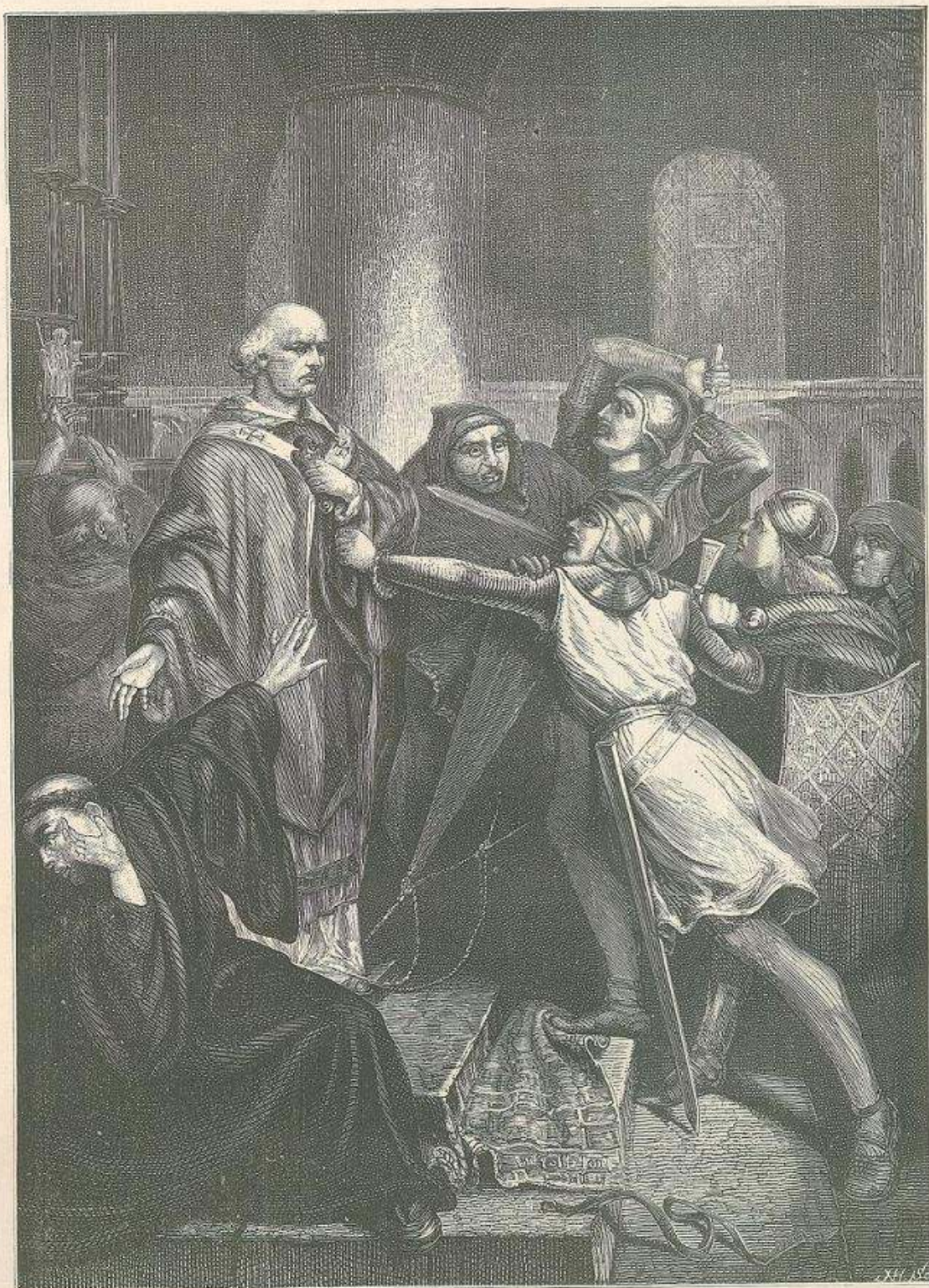


RUINAS DE ATHENAS.—TEMPLO DE JUPITER E ARCO DE ADRIANO

de formação. A primeira, epocha anterior á existencia dos seres organisados, abrange a formação dos terrenos primordiales em virtude do resfriamento do globo. A segunda epocha, durante a

mação dos terrenos terciarios, em que se encontram ossos fosseis dos animaes vertebrados, cujas raças precederam as que existem actualmentes; a essa epocha pertencem as agitações e os

Uma pequena explicação: No congresso anthropologico ha poucos mezes reunido em Lisboa, e em que tomaram parte os mais distinctos homens da sciencia, como Quatrefages, Wirchhoff, Henri



MORTE DE THOMAZ BECKET. — ARCEBISPO DE CANTORBERY

qual a terra cobre-se de vegetaes e o mar povoa-se de animaes, comprehende a formação dos terrenos intermediarios e secundarios; a esta epocha pertencem os terrenos hulleiros e certas injecções metalliferas, mercurio, zinco, chumbo, enxofre, etc. A terceira epocha comprehende a for-

phenomenos vulcanicos melhor caracterisados. Finalmente, a quarta epocha é caracterisada pela appareição do homem. Comprehende os terrenos diluvianos e post-diluvianos, e a ella pertencem a dispersão dos blocos errantes e as grandess alluções.

Martin, mereceram o maior elogio os trabalhos dos nossos illustres compatriotas os srs. Carlos Ribeiro e Delgado.

Pretendiam aquelles dois infatigaveis trabalhadores demonstrar a existencia do homem na epocha terciaria. E se para alguns não é ainda pon-

to incontestável a asserção dos geólogos portugueses, para outros ficou a questão completamente resolvida, e temos esperança de que será brevemente uma verdade corrente no mercado da sciencia.

Folgamos de prestar aqui a homenagem do mais subido respeito e consideração aos talentos e trabalhos dos srs. Carlos Ribeiro e Delgado. E, se na epocha terciaria não incluímos o homem na lista dos animaes, que então appareceram, é porque reconhecemos não ter auctoridade para affirmar uma proposição, para nós incontestável é certo, mas ainda não confirmada no mundo scientifico.

AÇÃO MOTORA DO SOL

O celebre astronomo americano Langley, em uma revista scientifica do seu paiz, trata minuciosamente do poder da acção do sol á superficie da terra; e, contudo, o nosso planeta recebe uma parte pequena das irradiações solares.

O sabio professor recorre engenhosamente a uma comparação.

Toma a superficie da ilha de Manhattay, que reputa em 20 milhas quadradas, e a quantidade d'agua das chuvas n'um anno, e calcula que esse ponto do globo recebe no mesmo espaço de tempo, 38,781,600 toneladas d'agua.

Essa massa d'agua transformada em gelo seria equivalente a algumas das pyramides do Egypto, por isso que a de Cheops não pesa 7,000,000 de toneladas.

Para transportar um tal pezo, seriam necessarios 3,821,800 wagons, podendo supportar o pezo de 12 toneladas cada um, admitindo-lhes um comprimento de 30 pés.

Repartindo-os em seis comboios, a locomotiva de um d'esses já teria chegado a S. Francisco e o ultimo wagon não teria ainda partido de Nova York.

Avaliando n'um decimo de polegada a quantidade de agua, que todos os dias cahe sobre a superficie dos Estados Unidos, as bombas reunidas de Philadelphia, de Chicago e das grandes cidades dos Estados seriam insufficientes para elevar á altura media das nuvens esse pezo de 10,000 toneladas.

PRODIGIÃO DA CIRCULAÇÃO DO SANGUE

A circulação do sangue opera-se oitenta e quatro vezes por hora, e por consequencia quinhentas e setenta e seis vezes no espaço de vinte e quatro horas. No estado de saude o coração contrah-se pelo menos sessenta vezes por minuto, ou 366 vezes por hora.

E, como a cada pancada do pulso, envia aproximadamente 60 grammas de sangue para a aorta, segue-se que, no espaço de uma hora, esta arteria recebe 240 grammas do fluido vital. É necessario acrescentar que este calculo baseia-se unicamente no minimo das pancadas do coração, isto é, do coração das pessoas que se vão aproximando da velhice. O calculo subiria de ponto se se tratasse das diferentes edades inferiores e dos diversos estados de saude.

ÉLIE BERTHET

O CRIME DE RIVECOURT

(TRADUÇÃO DE CUNHA E SÁ)

(Conclusão)

Quando tratavam de voltar para casa, Hermano empunhava o seu varapau, de que tinha o cuidado de ir munido; depois o artista e o seu acolyto regressavam por caminhos desertos para Rivecourt, onde a maior parte das vezes, como sabemos, só chegavam em meio da noite.

Cerca de um mez antes de finalizar os seus trabalhos de pintura, Leão fôra á aldeia de Santo André, situada quasi a uma legua de Rivecourt, do outro lado da floresta.

Fôra ahi atrahido por um enxame de bonitas mulheres, entre as quaes se achava uma que excedia em belleza a propria viuva Lourenço.

Havia em Santo André uma grande sala onde se dançava em certos dias. Era ali que Girard tinha ensejo de ver a pessoa que por então parecia ser o objecto das suas homenagens.

Por desgraça, as suas assiduidades junto d'ella irritavam muito um pae, um irmão e um noivo, sem contar grande numero de rivais.

Estas indisposições manifestaram-se sobretudo na noite em que fallamos. Leão dançara constantemente com a rapariga, e parece que muito a divertira á custa dos rapazes bonitos do sitio que tomaram parte no baile.

O primeiro resultado do seu procedimento atrevido foi os paes da rapariga levarem-na a toda a pressa, sem lhe darem tempo sequer de dizer adeuz a Girard.

Este, que n'esse momento se achava na outra extremidade da sala, não comprehendeu o olhar consternado que ella lhe deu ao retirar-se, e convencido de que a encontraria, sentou-se n'um logar desoccupado, á espera que ella voltasse.

A subita retirada da bonita dançadora e da sua familia, augmentou ainda mais a fermentação na parte masculina da assembléa.

Conversava-se com animação; dizia-se em voz alta que a insolencia do parisiense já não se podia supportar, e que era tempo de lhe pôr termo.

Talvez não ouvisse estes ditos ameaçadores; mas, se os ouvia, não lhes dava importancia e continuou tranquillamente a esperar o regresso da dama preferida.

Hermano, que segundo o seu costume se conservava na ultima fila dos circumstantes e na sombra, aproximou-se d'ella e disse-lhe em voz baixa:

— Parece-me, sr. Leão, que estes ares por aqui não lhe são muito favoraveis... Alguns rapazes além, fallam em desancal-o, por causa da pequena. Aquelle, principalmente, de calça branca, noivo, segundo parece, da mocita, é que trata de exaltar os mais. Se quer um conselho, o melhor é pômo-nos quanto antes a caminho.

— Deixa-te de historias! retrucou-lhe Leão encolhendo os hombros, estes patifes são incapazes de me atacarem de frente.

— Não é bom fiar... E depois ainda temos que andar pelo bosque para voltarmos para casa. Podem lembrar-se de se pôrem de emboscada...

— Se tens medo, podes voltar só para Rivecourt... Demais, dado o caso de não voltar a

pequena ao baile sei onde poderei encontral-a; e então a tua presença ser-me-ha inutil; não só te dou licença de te retirares, mas até t'o ordeno, porque aqui não podes senão servir-me de embaraço.

— Com a sua licença, senhor Leão, tome cuidado... Esta gente está contra o senhor, olhe como elles o olham de revez!

— A mim que me importa! O que eu desejava é que elles se resolvessem a atacar-me para eu ter occasião de sovar alguns... O das calças brancas, principalmente, incommoda-me... Mas não te inquietes, e safa-te depressa.

— É uma imprudencia, senhor Leão, e depois não se lembra... Se lhe acontecesse algum mal eu poderia ver-me mettido em boas, por causa da tal caixa que está no tabellião...

— Ora já sei onde a bota te aperta, tornou o artista jovialmente. Tens rasão; se commetter uma imprudencia, não é justo que tu pagues... sabe, pois, que ha já muito tempo, que a caixa com o seu conteúdo, não está no tabellião, porque achava que era muito aborrecido ir todos os dias visitar aquelle sujeito. Agora está em minha casa, em Rivecourt, n'uma gaveta da commoda...

Eis a chave da gaveta. Se me derem cabo dos ossos n'alguuma desordem, poderás tomar as medidas que julgares convenientes para tua segurança. No caso contrario, esta noite ou amanhã, restituir-me-has a chave... Agora que estás socego a teu respeito, põe-te a andar que me estás incomodando os nervos.

Hermano agarrara a chave e metter-a na algibeira. Contudo sempre disse com os olhos baixos:

— Em todo o caso não seria mau que o sr. Leão olhasse um pouco por si. Ha entre essa gente alguns individuos que não são bons...

— Ora! vae tu para o diabo e mais elles! voçiferou o artista impaciente.

Hermano não se atreveu a insistir mais e saiu.

Leão esperou ainda alguns instantes; mas como afinal a formosa dançadora não apparecia, deixou tambem o baile.

Na sua preocupação não reparou que cinco ou seis rapazes, entre os quaes se achava o da calça branca, saiam ao mesmo tempo que elle.

Depois não tratou de voltar logo para Rivecourt, e metteu-se por uma rua da aldeia de Santo André.

A lua brilhava no céu, mas na sombra projectada pela casaria reinava densa escuridão, e o artista podia deslizar ao longo da rua sem ser visto, tanto mais que ia caminhando com extremas precauções. Costeou por muito tempo um muro que parecia pertencer a uma herdade e parou a uma portinha. Depois de estar por um momento em observação hater de um modo particular.

Esperou, e como não recebesse resposta, repetiu o signal.

Então, do outro lado do muro ouviu-se um passo pesado, uma voz grossa dizer:

— Não ha aqui nada para ti parisiense do diabo! Vae-te para o sitio d'onde vieste e não me andes a rondar a casa... Tenho a minha espingarda e se queres receber uma bala olha que não hade ser custoso.

Girard reconheceu a voz do pae do seu formoso par. Bateu em retirada murmurando:

— Basta... Estão de guarda á porta, voltaremos pela janella!

Contudo, julgando inutil continuar n'aquella

noite as suas empresas amorosas, voltou pela estrada que ia dar a Rivecourt.

Como dissemos, tinha quasi uma legua a percorrer no bosque; e apesar de que a estrada era boa e larga, e o luar a allumiava sufficientemente, aquella hora da noite o trajecto offeria, nas actuaes circumstancias, certos perigos.

Vimos que a população masculina de Santo André estava muito irritada contra Girard e segundo as previsões de Hermano era muito possível que os parentes, os pretendentes e os simples namorados da formosa aldeia se combinassem para applicar uma correção ao seductor parisiense. Ora, sabe-se o que é uma correção ministrada por camponios brutos.

Por outro lado, em quanto seguia o seu caminho, Leão ia pensando nas valiosas concessões que fizera a Hermano.

Confiando-lhe a chave do movel onde se achavam as provas do crime, não se pozera inteiramente à sua disposição? Seguro da impunidade, Hermano não teria tentações de satisfazer o seu rancor com o seu perseguidor desapiadado? Bastava-lhe para isso occultar-se no bosque, attacar Girard por surpresa e matá-lo. O pintor tinha agora bastantes inimigos na localidade para que este novo crime fosse lançado á conta de uma vingança particular e para que as suspeitas caíssem sobre qualquer outro que não fosse o verdadeiro culpado.

Em caso de ataque, Leão não devia, portanto, contar senão com os seus punhos vigorosos e a sua agilidade.

Ainda não de estar lembrados que já não trazia, havia muito, o revolver com que entendera dever prevenir-se contra Hermano. Agora nem tinha uma bengala, que nas suas mãos experimentadas seria uma arma temível.

Para supprir essa falta, arrancou um ramo de uma arvore, debastando-o dos ramuscúlos; depois continuou o seu caminho pelo meio da estrada, em plena luz, assobiando um estribilho bellicoso.

Era uma dupla imprudencia; houvera sido muito melhor deslizar sem ruido á sombra das altas faias que orlavam a estrada do que mostrar-se e dar a saber de longe a sua aproximação.

Não tardou a pagar a sua temeridade.

Achava-se a meio caminho, isto é, n'uma parte da floresta tão distante de Santo André como de Rivecourt, quando ouviu junto de si, por baixo das arvores, um sussurro de vozes.

Parou e cessou de assobiar, sem, contudo, ainda se pôr em defesa.

Um individuo invisível exclamou no modo de fallar proprio da terra:

—E' elle... tenho a certeza de que é elle.

—Então saltemos-lhe em cima disse o outro.

No mesmo instante, observou-se extraordinario movimento por entre o mato, e cinco a seis homens, entre os quaes se achava o famoso calça branca saltaram, brandindo enormes cacetes.

—Patifes! bradou o artista, se não fossem uns cobardes, e se se apresentassem um depois do outro, provar-lhes-hia...

Mas os sentimentos cavalheirescos não pareciam estar nos habitos d'aquelles camponios exaltados, que todos ao mesmo tempo atacaram Girard.

Debalde procurou metter-se por entre o mato; rodeavam-no por todos os lados, e por inhabeis que fossem os seus adversarios era impossivel escapar-lhes.

Logo no principio o infeliz artista recebeu

muitas bordoadas. Contudo fazia-lhes frente, e como um dos seus adversarios investia muito de perto com elle descarregou-lhe na cabeça uma pancada que o deitou por terra.

Em compensação, quebrou se-lhe o triste ramo de arvore, e só ficou com um pedaço de lenha quasi inutil na mão.

Vendo o seu embarço, os assaltantes investiram com elle mais vigorosamente, Girard acabou por cair aos murros sobre o mais encarniçado, que succedeu ser o das calças brancas.

Depressa o venceu, e o infeliz das calças brancas rolou por sua vez, no solo.

Contudo, esta victoria saiu cara a Leão. Em quanto se occupava de um só adversario, o resto do bando aggreidia-o com o vigor. Atordado com uma pancada na frente, o artista cambaleou e foi derrubado.

A sua queda não deteve aquelles brutos, a quem a propria resistencia exaltava. Talvez não cessassem de bater quando uma voz offegante, que rapidamente se approximava exclamou:

—O que! o que! temos uma traição! É preciso que eu lá vá... aguento-se, senhor Girard!

A alguns passos de distancia appareceu um homem alentado, agitando uma especie de massa cujos effeitos os assaltantes não tardaram a sentir.

Aproveitando esta diversão, Girard tornou a si, levantou-se e armado de um cacetete verdadeiro, apanhado no campo de batalha, entrou de novo em combate.

D'esta vez os moços de Santo André, muitos dos quaes tinham recebido serias contusões, acharam que a lucta se tornava grave; deitaram a fugir levando consigo os estropeados.

—E' ainda aquelle ferrabraz do Hermano, dizia um d'elles. D'onde diabo saiu elle? Se não fosse o seu auxilio, não era o parisiense que saia a salvo d'esta.

Excitado pela lucta e pelo desejo de vingança, Leão queria recommençar o combate.

Receando que os adversarios voltassem outra vez á carga, Hermano não lh'o consentiu. Pegou-lhe pelo braço e obrigou-o a internar-se no bosque, onde em razão do escuro, toda a perseguição se tornou impossivel.

Pozeram-se a caminho silenciosamente. Os de Santo André iam por outro lado resmungando.

Finalmente, Girard, que ficara muito maltratado, disse ao seu companheiro:

—Mas devagar, Hermano. Palavra que me fizeram n'um feixe. Acbo-me no estado em que se achava D. Quixote, depois de certo encontro com os arrieiros... Por minha fé que chegaste á proposito!... Já te julgava de volta a Rivecourt.

—Para lhe dizer a verdade, senhor Leão, eu já desconfiava. Por isso puz-me a andar de vagar e quando vi aquelles vadios na estrada, desconfiei que lhe queriam fazer alguma. Occul-tei-me com uma sebe, espreeitei-os, e assim que o atacaram, dei-te a correr...

—E salvaste-me a vida, Hermano, porque aquelles brutos davam bordoadas de cego. (O teu merito é tanto maior quanto menos te tenho poucado ha certo tempo para cá, e agora offerecia-se uma bella occasião de te vingares sem o menor risco para ti... Bem, não me esquecerei.

Estes elogios talvez o desvanecessem, mas Hermano não respondeu nada.

Como já não recebavam novo ataque, metteram outra vez pela estrada e approximaram-se coxeando de Rivecourt.

No momento de ahi chegarem, Hermano disse ao seu companheiro:

—Decerto que amanhã o sr. Leão vai queixar-se d'aquellas boas peças á gendarmeria.

—N'isso é que te enganas; não me queixarei de ninguem, e nem me gabarei do que se passou... Rogo-te até que falles n'isso o menos possivel. Ninguem vai dizer que apanhou bordoadas, apesar de haver pago com uzura aos que lhe deram!

Mas porque não se hão de castigar aquelles bandidos?

—Porque eu não merecia outra coisa, replicou o artista um pouco corrido... Com tanto que a lição me aproveite!... Mas receio muito que nada me sirva!...

—Pozeram-no em misero estado e o senhor hade sentir-se por muito tempo!

—Tambem muitos d'elles vão massados por ti e por mim... Adeus! Tenho lá em casa dois ou trez frascos de agua de Colonia que me hão de servir para banhar as pisaduras. Façamos o menor barulho possivel, com esta historia, todos nós ganharemos com isso.

—Que homem! murmurou Hermano.

Quando o artista ia a entrar para o seu quarto, Hermano disse-lhe com brandura:

—A chave da sua commoda, senhor Leão.

Entregou-lhe a chave.

—Está bom, disse Girard.

Depois foi pôr compressas de agua de colonia nas suas numerosas contusões.

Chegou finalmente o dia em que Leão Girard devia definitivamente deixar a aldeia de Rivecourt.

As suas pinturas no palacio estavam concluidas. Não tinha mais a fazer do que voltar a Paris, para ahi se entregar a trabalhos á altura do seu talento.

Logo de manhã, Hermano principiou a acondicionar os volumes e a pregar os caixotes.

Apesar da alegria que aquella retirada lhe devia causar, o tanoeiro parecia mais sombrio que nunca.

Girard aproveitou um momento em que ambos fatigados, descansavam sentados nas malas, para dizer com o seu bom humor habitual.

—Ora bem, Hermano, tu hasde com certeza estar contente? Parto e o teu supplicio vai cessar... Palavra, que é tempo de isto acabar para ti! Andas para ahi amarello como uma cidra e não tens senão a pelle em cima do osso. Ha oito mezes que não dormes um sono a valer... Sim, eu tratei-te com rigor; martyrisei-te de todos os modos mas não podia proceder de outra maneira.

—Portanto sr. Leão, disse Hermano com os olhos baixos, posso esperar que... o sr. não me denunciara.

Estas palavras eram uma confissão e a primeira que fazia, porque se deve ter notado que até aquelle momento, nem uma palavra lhe escapara que parecesse mostrar a verdade das accusações que lhe faziam.

O artista tomou um ar grave:

—Isso dependerá de ti, Hermano, replicou. Depois de te atormentar bastante, podia importarte a obrigação de venderes os teus bens e expatriarte.

Mas principio a crer que realmente procederás d'aqui por diante como homem de bem. Demais, salvaste-me a vida na floresta de Santo André, e

essa boa acção deve ter uma recompensa... Continua, pois, a habitar Rivecourt e a viver ali pelo trabalho, como em outros tempos. Talvez eu nunca torne a por os pés n'esta aldeia; entretanto, recorda-te bem das minhas palavras. Apesar de ausente andarei informado das tuas insignificantes acções, varias pessoas, que tu não conheces, hão de me participar o teu modo de proceder, a primeira suspeita grave que se levantar contra ti, verme-has aqui apparecer. Has-de então achar-me tão inexoravel como me achas agora indulgente. Fica pois prevenido, Hermano, ao menor passo inconveniente que deres, ai de ti!

—Está dito, sr. Leão, retorquiu Hermano, não me tornarei a descuidar. Já não quero mais... O sr. poz-me no caminho direito e não saio d'elle.

No momento de subir para o carro, despediu-se dos homens que estavam presentes.

Chegando a Hermano disse-lhe em voz baixa:

— Adeus, Hermano, lembra-te!...

—Terei todo o cuidado de não me esquecer, retorquiu Hermano no mesmo tom.

Notando a alteração da sua voz, o pintor olhou para elle com attenção. Hermano tinha as feições contrahidas pela magua. Lagrimas como punhos, lagrimas de afflicção e de saudade, deslizaram-lhe pelas faces queimadas do sol.

Explique quem poder esta singularidade, esta contradicção humana! Hermano amava o joven estouvado, que lhe devassára os terríveis segredos, que o atormentára desapiadadamente durante oito longos mezes, e que ainda n'este momen-

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

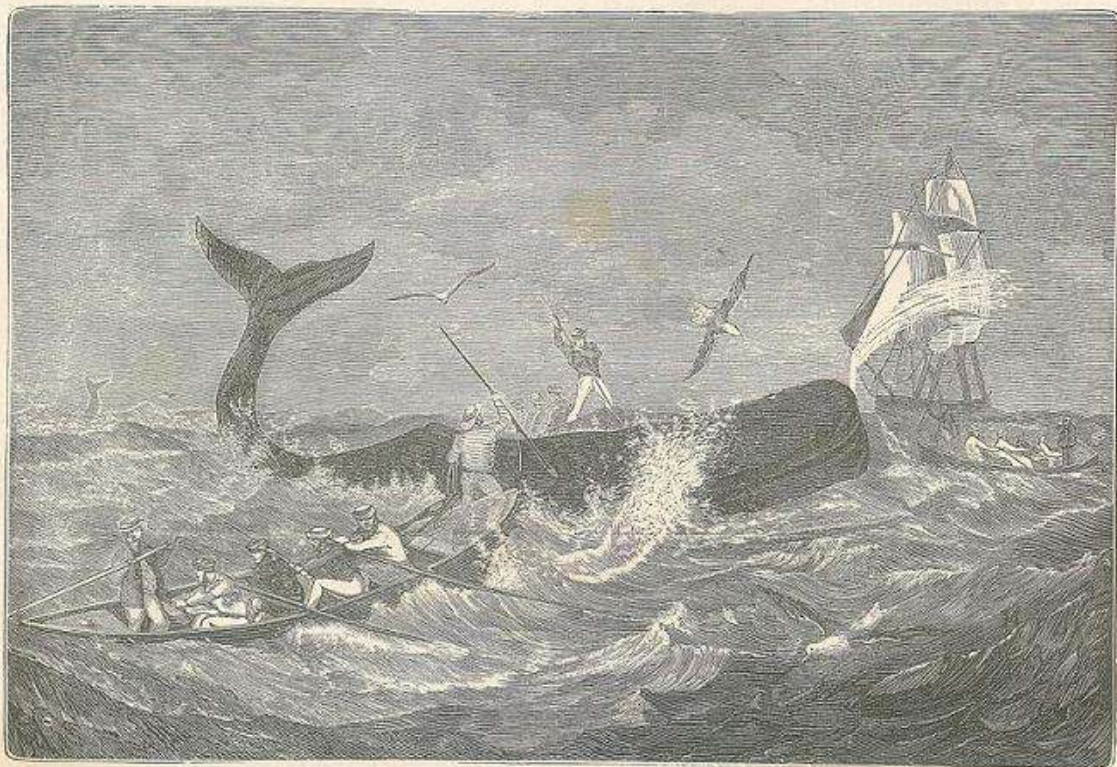
ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POE

Victor Tissot e Constant Améro

No proximo numero principiaremos a publicar este interessante romance, cuja acção se desenvolve desde o coração da Siberia, nas terríveis minas onde os condemnados pela tyrannia do Czar soffrem as penas do degredo e do «knon», até aos confins da Asia, onde as noites são de seis mezes e os gelos são eternos. Similhante no genero aos famosos romances de Julio Verne, é de um grande e pungente interesse dramatico e descriptivo, tendo o irresistivel attractivo de nos fazer conhecer os



A PESCA DA BALEIA

— Assim espero... Conheces-me agora e sabes que nada me assusta... Anda agora sempre em linha recta, porque, ainda que eu tivesse de te fazer saltar os miolos, um novo crime da tua parte não ficará impune, juro-te!

Instantes depois, um bello char-à-bancs, pertencente ao serviço do palacio, parava no pateo para transportar Leão á mais proxima estação do caminho de ferro.

Uma parte da população de Rivecourt viera assistir á retirada d'aquelle parisiense que inspirava sentimentos tão diversos na terra.

As mulheres, principalmente, e as mais bonitas, eram em grande numero. Entre ellas achavam-se por exemplo, Theresa, tendo ao lado o esposo, a viúva Lourenço com o seu novo marido João Pedro.

Ambas, assim como um bom numero das suas companheiras, sentiam uma afflicção que se esforcavam por occultar e todas olhavam umas para as outras com desconfiança.

Leão despediu-se d'ellas dizendo-lhes ao ouvido uma palavra que as outras não ouviam.

to o ameaçava com uma incessante e occulta vigilancia. É porque effectivamente as indoles rudes e ferozes, como a sua, submettem-se de bom grado a uma superioridade physica e moral, energeticamente affirmada.

Assim o tigre e o leão acaba por amar o domador que o protege com barras de ferro, que o priva do alimento e do somno, que o chicoteia. Até se tem visto estes ferozes animaes defenderem o seu dono n'um momento de perigo, ou morrerem de pesar quando o perdem.

Hermano não tornou necessaria uma intervenção do artista nos seus negocios e viveu como homem de bem.

Apenas, quando se proferia deante d'elle o nome de Leão Girard, dizia n'um tom de enternecimento, de respeito e de temor:

— Que homem!... afinal, aquillo é que é um homem ás direitas!

FIM

costumes e o viver de povos que se acham, por assim dizer, separados do resto da humanidade pelos rigores da natureza e pelas crueldades do despotismo.

Além de tudo isto, recommenda-se este romance por uma verdadeira actualidade, tanto que o seu epilogo passa-se na região ultimamente visitada pelo viajante sueco Nordenskiöld, a bordo do «Vega», tendo relação com os trabalhos d'este grande explorador do seculo XIX.

ENIGMA



Explicação do enigma publicado no n.º 2.

Perdiz com a mão no nariz.

Lisboa—Typ. de Christovão A. Rodrigues, R. do Norte, 143, 1.º